+museu
newsletter do Museu Municipal de **Palmela**
nº3 • Julho 2011

MUSEUS E MEMÓRIA: OS OBJECTOS CONTAM A VOSSA HISTÓRIA

MEMÓRIAS: SANTOS POPULARES

Ainda com cheiro a Santos Populares, partilhamos convosco as memórias de criança de Helena que, um dia, viu um balão subir ao céu, dançou à roda de uma fogueira, sonhou casar…
Para melhor compreendermos este excerto, é importante saber que na vila de Palmela várias ruas competiam entre si pela realização da melhor festa dos Santos Populares. Toda a vizinhança participava na produção de enfeites de papel que decoravam as ruas ao ponto de não se ver o céu; na criação de quadras que acompanhavam os manjericos; na confecção de petiscos; nas brincadeiras que faziam vibrar as crianças.

Rua Contra Almirante Jaime Afreixo, frente à antiga Papelaria do Simões. Década 60 do séc. XX
(esq. para dir.) Humberto; Lurdes; Adélia; Álvaro Amadeu; Ilda; Raquel; Helena Caçoete e David.

"Quando eu tinha os meus 12 anos, havia uma taberna na Rua Hermenegildo Capelo junto à Drogaria do Amílcar. Era a Taberna do João do Rola. Lembro-me, pelos Santos Populares, que se fazia o arraial e uma grande fogueira. Comíamos caracóis e o Sr. João do Rola, pelo S. João, mandava para o ar um lindo balão colorido que subia com a ajuda do petróleo. Era lindo vê-lo no ar! Para as pessoas que ali moravam era uma alegria enorme.
A minha rua era das mais alegres da vila.
Lembro-me das pessoas que lá moravam: Maria da Graça Adriano, Ivonete, Nelinha do Sal, Mário Alberto, Zilda, Adélia Caixeiro, Maria Luzia do Machete, Orlanda, tio Manel, Adelaide e o tio Alfredo. A Graça, filha da Anastácia, a D.ª Beatriz da Afra, a Jesus, o António Manuel Macheta, o João Gabriel. O David e o Humberto.
A fogueira durava até às três da madrugada e a partir da 1h da manhã punha-se a cafeteira com água ao lume para fazer chá ou café. Era divertidíssimo. O Alfredo tocava castanholas e nós dançávamos e fazíamos uma roda à volta da fogueira.
Pelo S. João ia-se à água benta - um grande grupo de moças e adultos - e à meia-noite queimavam-se as alcachofras. No dia seguinte, se as alcachofras tivessem floridas queria dizer que a moça se casava. E também se punha na fogueira um tostão. E logo de manhã, ao levantar, corríamos a ir buscar o tostão nas cinzas. Se algum pobre batesse à porta a pedir esmola, dava-se o tostão e perguntava-se o nome. Por mero acaso o nome dele era Carlos e eu casei com um Carlos."

Helena Caçoete, 60 anos
Conversas de Poial, Junho de 2011